



Movimento

ISSN: 0104-754X

stigger@adufrgs.ufrgs.br

Escola de Educação Física

Brasil

de Oliveira Monteiro, Alberto; Generosi Brauner, Mario; Pacheco Lopes Filho, Brandel José

O desempenho desportivo: um mosaico de valores, sentidos e significados

Movimento, vol. 20, núm. 2, abril-junio, 2014, pp. 541-567

Escola de Educação Física

Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115330607007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O desempenho desportivo: um mosaico de valores, sentidos e significados

*Alberto de Oliveira Monteiro**

*Mario Generosi Brauner***

*Brandel José Pacheco Lopes Filho****

Resumo: Vencer e perder faz parte do drama esportivo. Certos competidores, em nome do “ganhar”, não encontram limites em sua ambição; outros, apesar de possuírem excelentes dados fisiológicos, não obtêm resultados positivos. No entanto, o esporte é mais que uma luta desenfreada pela vitória; é uma metáfora da própria vida e um meio de Educação; um meio de educar em valores. No presente trabalho, fizemos uma análise comparativa entre os princípios filosóficos e programas de preparação de atletas publicados por John Wooden e Bernardo Rocha de Resende, sugerindo, após, um novo modelo, baseado em valores, a partir de tais comparações.

Palavras-chave: Esportes; Filosofia; Educação.

1 PARA INÍCIO DE CONVERSA...

No desporto, como na vida, muitas pessoas correm desesperadamente atrás do sucesso e, de igual maneira, fogem do fracasso; mas, mesmo com todo o esforço dispendido, volta e meia deparamo-nos com o gosto amargo da derrota. Felizmente, noutras ocasiões, colhemos o fruto desse esforço e vibramos com a doçura e a alegria da vitória. Na vida, todos são chamados a enfrentar tais

*Escola de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. Brasil E-mail: oliveira.monteiro@ufrgs.br

**Escola de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. Brasil E-mail: gbrauner@terra.com.br

***Colégio de Aplicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. Brasil E-mail: brandelfilho@gmail.com

provas, e cada pessoa possui a sua maneira peculiar de responder aos sentimentos, às emoções e aos impactos provocados por essas experiências.

Fazem parte do drama desportivo, o vencer e o perder: uma alegria vertiginosa contagia todos quando se ganha; e, por outro lado, a derrota, quando acontece, é motivo de grande frustração e tristeza. No desporto, assim como na vida comum, rotineiramente, a obsessão por “ganhar” acaba nos impelindo à tentativa de ganhar a qualquer custo e, por outra via, nos impede de contemplar as inúmeras oportunidades de enriquecimento humano que a prática desportiva nos proporciona, independentemente do resultado.

Por outro lado, pensamos que a maioria das pessoas que atuam na esfera desportiva já presenciou uma situação, ou ouviu falar dela, na qual uma equipe, ou atleta, apesar de ser extraordinariamente superior técnica, tática e fisicamente aos seus adversários, não consegue, na prática, apresentar bons resultados. Outra curiosa situação é quando os atletas revelam excelentes dados fisiológicos, antropométricos e outros, metodologicamente planejados e organizados; e, entretanto, apresentam resultados práticos não esperados. Ou, ainda, quando uma equipe ou atleta teoricamente mais limitada técnica e taticamente apresenta um desempenho superior. Outrossim, é muito comum que os treinadores, às vezes, prefiram um jogador pouco talentoso, mas que demonstra determinação e perseverança, em detrimento de outro que, embora tecnicamente bem dotado, não apresenta a mesma atitude.

Quais são os dilemas que se encontram subjacentes a tais questões? O que podemos aprender com essas experiências? Quais são as reflexões que devemos realizar a partir do surgimento dessas situações?

Essas interrogações, naturalmente, são fruto de uma enorme quantidade de variáveis que interferem, com maior ou menor peso, no desempenho e no resultado desportivo. É nossa intenção realizar uma meditação, à luz da axiologia, que responda questões

da própria tarefa desportiva e, em particular, aquelas utilizadas no dia-a-dia de treinadores e professores que vivem os desafios desse meio. A definição por uma abordagem referente aos valores não significa desconsiderar aspectos de natureza econômica, política ou ideológica; embora considerados de suma importância, esses temas são amplamente trabalhados na literatura. Por isso, o presente trabalho ocupa-se em discutir aspectos referentes à alma da educação em valores: a prática pedagógica.

Temos certeza de que o desporto é muito mais que uma luta desenfreada pela vitória. Por isso, aproveitando o mosaico de valores que permeia o desporto, enfatizamos a necessidade de se buscar, junto a outras áreas do conhecimento, como antropologia, mitologia e filosofia, algumas possíveis respostas para os enigmas que, de um modo geral, se apresentam na esfera desportiva. Em particular, àqueles que apresentamos anteriormente.

Faremos uma análise comparativa entre os princípios filosóficos publicados por John Wooden¹ (2010) e por Bernardo Rocha de Resende² (2006), que sustentam suas ações e os seus respectivos programas de preparação de atletas. Após essa descrição e comparação, gostaríamos de sugerir um novo modelo, baseado em valores, elaborado por nós a partir de tais comparações.

Consideramos que essas informações e reflexões podem ajudar tanto treinadores desportivos como professores de Educação Física que atuam na seara desportiva (escola, comunidade, clubes, etc.) a entenderem melhor suas experiências, dilemas e desafios advindos do processo de treino e competição, seja na iniciação e na especialização, seja no alto rendimento. Dessa forma, esperamos contribuir para a formação de professores e treinadores no sentido de que eles possam lidar pedagogicamente de modo mais sereno e criativo, elevando a prática desportiva ao seu nível de importância educativa e cultural.

¹ John Wooden (1910-2010) foi considerado, pela ESPN, o “treinador do século”. Como treinador de basquetebol da UCLA, ele conquistou 10 campeonatos nacionais e levou a equipe a realizar a proeza de conseguir 88 vitórias consecutivas.

² Bernardinho, treinador da Seleção Brasileira de Voleibol masculino.

2 MITO E PEDAGOGIA

Se perguntarmos a respeito da finalidade da competição desportiva, a grande maioria das pessoas dirá que é ganhar: o importante é vencer! Todos querem ganhar, mas apenas um pode ser o ganhador, restando, assim, uma grande parcela de perdedores. Entendido dessa maneira resta apenas uma visão maniqueísta do desporto que precisa ser superada! Ao perdermos de vista a importância social, pedagógica e cultural do desporto, permitimos que prevaleça a luta desenfreada pelas conquistas desportivas: a obsessão por ganhar!

Será que ‘ganhar’ é igual a ‘vencer’? Podemos ganhar jogando dados, jogando na loteria, usando mecanismos ilícitos, burlando as regras, entre outros métodos. Vencer, segundo a mitologia, pode ter outra conotação, pois a palavra que designa vitória em grego é *Nikê*³, ou seja, uma deusa. Segundo Platão (1996), os deuses são seres perfeitos e, por isso, não cometem equívocos, falhas, ambiguidades e deslizes: a vitória, diferentemente do ganhar, é algo construído a partir de um processo ilibado e que tende à perfeição.

A deusa Atena é a filha preferida de Zeus – o mais poderoso dos deuses gregos – que, segundo Vernant (2006, p. 31), “representa a justiça” e, em muitas ocasiões, é cognominada Nikê, a vitória. Ou seja, em muitas ocasiões, *Nikê* seria uma expressão e extensão da própria Atena. Como Atena é também conhecida como a deusa da sabedoria, podemos interpretar que ‘vitória’ é o resultado de um processo que alia a justiça e a sabedoria: a vitória é gerada no ventre da sabedoria (Atena) e assistida pelo poder e pela justiça (Zeus). Vitória, portanto, é o resultado de um processo de busca da perfeição dos deuses! À luz dos valores, ela seria a arte de exposição de esforço, paciência, paixão, persistência, coragem e

3 Em sua personificação, *Nikê* é representada com asa e voando com grande rapidez. Pertence à geração dos deuses anteriores aos Olímpicos e era identificada pelo escritor grego Hesíodo como filha do Titã Palas e de Estige. Outra tradição a reconhecia como tendo sido criada por Palante, que lhe teria consagrado um templo no cimo da sua colina, em Roma, o Palatino. Em Atenas, *Nikê* é apenas um epíteto de Atena. A deusa Atena é, muitas vezes, denominada Palas Atena; daí que Palas seja considerado um epíteto ritual de Atena.

inteligência entre outros, com vistas à perfeição, ou *aretê*. Aquele que não aprende e apreende (sabedoria) nada durante esse processo pode até ganhar, mas vencer...

“*Nikê* é a mensageira angélica que entrega a cobiçada coroa de louros enviada pelas verdadeiras fontes da vitória, Zeus e Atena, respectivamente o deus do poder e a deusa da sabedoria” (COUSINEAU, 2004, p. 225). A vitória pode trazer poder, status, reconhecimento; mas, se estes forem usados sem sabedoria, o atleta, o político e o artista podem encontrar, ao invés de felicidade, desventura. Pela inspiração mitológica, devemos, diante da vitória e da derrota, adotar uma atitude de simplicidade e de serenidade, pois a deusa “*Nikê* não traz somente a notícia da vitória, mas também a notícia de que a vitória não dura muito tempo” (COUSINEAU, 2004, p. 225), assim como a derrota. *Nikê* “representa a transitoriedade do triunfo, a evanescência da fama, a impermanência do talento pelo qual os vitoriosos costumam ser tão esplendidamente recompensados” (COUSINEAU, 2004, p. 226). Nesse tema, somos sempre eternos aprendizes; e, para lidar com ele, é necessária uma boa dose de arte e de pertinência pedagógica.

3 DAS DIMENSÕES INTERNAS ÀS DIMENSÕES EXTERNAS

Para Sócrates, o ser físico, juntamente com a expressão dos movimentos, é o espelho do seu interior e de suas qualidades, resplandecendo o seu conteúdo moral e a sua interioridade (XENOFONTE, 2006). Muitas pessoas que labutam na área pedagógica possuem, por diversos motivos, uma visão pouco aprofundada sobre a competição desportiva. Nessa perspectiva, Bento (2006) salienta que o desporto possui um caráter educativo e cultural justamente em função de sua natureza competitiva. A melhor expressão da relação educativa é aquela que surge quando mesmos interesses, objetivos e finalidades de duas ou mais pessoas se encontram numa situação de conflito. Nesse momento é que vemos se as pessoas, de fato, detêm o controle dos seus instintos, das suas limitações e da própria situação. No desporto há um

embate permanente para a conquista da vitória, de uma marca e de um campeonato; e, nem por isso, nessa situação limite de esforço físico, emocional e psicológico, na grande maioria das vezes, os protagonistas ultrapassam as fronteiras do respeito, da consideração e da valorização dos companheiros, dos adversários e da tarefa competitiva.

Para investigarmos o processo pelo qual se pode desenvolver uma personalidade saudável, por intermédio dos valores do desporto, constatamos que diversos componentes que participam do jogo desportivo podem contribuir muito para o desenvolvimento e o aprimoramento de um desportista ou de uma equipe. Dentre eles encontramos a técnica e a tática, as habilidades físico-motoras, as capacidades biológicas, as características emocionais e psicológicas, além das opções metodológicas. No entanto, como esse processo é desenvolvido e realizado pela Pessoa Humana, podemos acrescentar algumas reflexões que oferecem pistas de como o desenvolvimento saudável de uma personalidade pode se traduzir, por meio dos conteúdos axiológicos do desporto, num atleta melhor e num Ser Humano melhor e mais equilibrado.

Quem realiza a tarefa desportiva? O homem! Quem é esse homem? De acordo com Patrício (2008) e Ibañez (1976), o homem é aquele que edifica a sua vida pela realização dos valores, seja na vida comum ou na vida desportiva. Segundo Ibañez (1976), os valores têm a ver com as nossas tendências, as nossas inclinações e cumprem um papel de aperfeiçoamento e/ou obtenção da dignidade. O homem, na visão de Monteiro (2007), é o único ser capaz de dizer não àquilo que lhe é nefasto e de dizer sim àquilo que o eleva, dignifica e aperfeiçoa.

A maneira mais sensata de se identificar a familiaridade de uma pessoa com os valores é conhecer as suas atitudes⁴. Se possuímos um inventário de atitudes de uma determinada pessoa, conhecendo a sua aceitação, a sua negligência e a sua rejeição de

4 Atitude é a organização de crenças em torno de um objeto ou situação que predispõe que se responda de forma preferencial (ROKEACH, 1981).

determinados valores; se conhecermos a intensidade ou a marca de suas preferências na configuração de suas vidas teremos um bom desenho de suas personalidades (IBAÑEZ, 1976): as atitudes são, portanto, a expressão dos valores.

Nesse sentido, o desporto é uma das vias e a anunciação daquilo que pode libertar os homens e dar-lhes autonomia. É uma proposta de humanização do homem, da sociedade, dos poderes, da prática e da palavra, pois o destino desse homem é humanizar-se, decolar ao máximo suas potências, todas e de um modo ordenado (IBAÑEZ, 1976). Essas considerações não são exageradas, uma vez que, ao observarmos as tarefas do treino e da competição desportiva, verificamos e identificamos o fato de que, embora sejam os corpos que estejam em movimento, o exercício é do valor (MONTEIRO, 2007). O suor derivado dessas práticas, mesmo muitas vezes incompreendido, é mais do que o produto da transpiração causada pelos exercícios físicos: é o resultado da escultura do “Homem-Todo, na pessoa de fora e na expressão da sua grandeza na pessoa de dentro. E a esse entendimento e estado holístico da forma humana eu atrevo-me a chamar excelência e arte, a areté dos gregos” (BENTO, 2004, p. 68). Sem dúvida, esse é um dos maiores sentidos disponibilizados pela prática desportiva.

Embora os atletas da atualidade sejam, muitas vezes, vistos como pessoas preocupadas especialmente com os recursos financeiros, o fato é que aquilo que dá sustentação e valia à vida desses desportistas é a exposição do valor; a luta para melhorar, o reconhecimento de seu desempenho, o estímulo à busca da felicidade, a superação das adversidades e a disponibilidade para o excesso, numa sociedade que não se reconhece mais como valorosa. Talvez seja esse o motivo da incompreensão por parte de alguns críticos. Sobre esse assunto, ouçamos as palavras de Savater (2000, p. 100):

Aquele que nos eventos desportivos não sabe senão denunciar a simplicidade muscular dos desafios, as baixas paixões colectivas, a ostentação da ânsia de preeminência ou as manipulações fraudulentas dos bastidores, talvez acerte neste ou

naquele detalhe vergonhoso, mas perde de vista o autêntico interesse posto em jogo, o sentido humanizador subjacente na mais alardeada das lendas do estádio. Esses inimigos doutrinários da competição desportiva podem entender muito bem o que certos homens querem e o que fazem, mas nunca saberão a profundidade daquilo que os homens querem e por que é que o fazem.

O filósofo espanhol, ao que parece, aponta para a atualização dos mitos, dos deuses, das metáforas, das estórias, dos heróis e dos acontecimentos primevos, que a prática desportiva encerra. Registra a importância das ideias de ‘por que’ e ‘para que’, cujas principais referências estão vinculadas aos valores, aos significados e aos sentidos pelos quais o homem ritualisticamente se compromete na tarefa desportiva, na qual a fugacidade do momento faz testar a sua eternidade: arrisca-se ao acaso, contra as forças internas e externas e o risco de falhar, mas com o compromisso de superar as limitações e os desafios a fim de demonstrar a si e à humanidade que há possibilidades infinitas circunscritas na arte do fazer humano.

Podemos considerar que o melhor desempenho humano (em qualquer área) é quando “as forças do movimento que participam do jogo estão perfeitamente integradas, todas cooperam para a mais perfeita harmonia, sem resistência alguma, sem desperdício de energia, logo, sem reação contrária, no sentido que Nietzsche dá ao termo” (FERRY, 2010, p. 167). Essa integração e essa fluência podem ser o resultado de uma educação desportiva baseada em valores, conforme apontaremos na descrição que será realizada, mais adiante, junto aos modelos pedagógicos de Wooden e Bernardinho.

4 O MOSAICO DE SENTIDOS E DE SIGNIFICADOS

A não observância da importância dos valores para a formação desportiva implica desenvolver as tarefas de treino e de competição sem as devidas fluidez e harmonia estética e, assim, provocar resistências ao convívio e aderências nefastas à coletividade. Isso

pode solapar a atuação dos companheiros e promover a falta de confiança e o desequilíbrio entre os diferentes atores do cenário desportivo. As forças do jogo, na opinião de Ferry (2010), ao invés de cooperarem, se contrapõem, se mutilam e se bloqueiam, de modo que a deselegância do movimento reflete sua impotência.

Por outro lado, quando se observa a trajetória de um vitorioso, as suas atitudes (individuais e coletivas) denunciam a grandeza de seus valores, sentidos e significados; pois, conforme Ferry (2010), a sutileza de seus gestos parece ser de uma simplicidade e de uma facilidade desconcertantes. Ele passa, domina, chuta, dribla e finta com uma elegância, espontaneidade e imprevisibilidade que nada deixa a desejar comparado a um grande músico, escultor ou poeta: apenas o seu instrumento de música, escultura ou poesia é o seu corpo. Como consequência, podemos notar uma reconciliação admirável da ‘Beleza’ e do ‘Poder’ que já é registrado pelos mais jovens dotados de talento.

Essa narrativa expõe uma abertura ao entendimento do sentido de talento. No tempo dos antigos Jogos Olímpicos, ao indivíduo que demonstrasse algum talento, os seus companheiros e treinadores diriam que o aproveitasse, pois um deus habita o seu interior. Esse deus, evidentemente, era a prova de que a arte da ação humana vinha de alturas sagradas.

Se, por um lado, o talento pode ser um dom divino ou uma herança genética, os treinadores (de esportes coletivos), em certas ocasiões, preferem alguns atletas menos dotados de habilidades técnicas, em detrimento dos mais talentosos. Nesse ponto, tanto Bernardo Resende (2006), Jackson e Delehanty (1997), e Wooden e Jamison (2010) concordam em que um jogador talentoso que não consegue fazer com que a sua equipe seja ótima não pode ser considerado imprescindível. Isso normalmente acontece quando o atleta talentoso desiste do esforço necessário para o aprimoramento do seu potencial divino/biológico; e porque, na maioria das vezes, para o atleta talentoso é mais difícil trabalhar em equipe, uma vez que os meios de comunicação de massa fazem questão de

dar destaque às ações individuais em detrimento do movimento coletivo da equipe. Nesse sentido, Wooden e Jamison (2010) registram que é muito difícil encontrar um talento, mas é mais difícil ainda conseguir ou fazer com que o mesmo se sacrifique pela equipe.

A falta ou a realização limitada de um treino (aprendizagem), sem atenção a valores como concentração, motivação, disciplina, alegria, entusiasmo e outros, limitam o desenvolvimento e o aprimoramento das potencialidades desportivas. O nível de aprendizagem acaba sendo, como em tudo na vida, diretamente proporcional à qualidade do treino e à sua dedicação a ele. Por outra via, a vocação parece ser um atributo que desperta a iniciativa, a mobilização de energias, a disponibilidade para o esforço e para a aprendizagem, o prazer em fazer de um simples ato uma referência de amor pela tarefa. Em síntese, a vocação é a afirmação de uma identidade.

Pode-se dizer que frustrar um jovem de desenvolver sua vocação para uma determinada tarefa seja algo pouco pedagógico; pois, conforme nos relatam Ferry e Vincent (2003), privar um jovem talentoso e vocacionado de praticar sua arte o tornará infeliz; a verdadeira felicidade está na atualização tão completa quanto possível das suas virtualidades. Talento, educação e vocação são os pilares que asseguram o desenvolvimento e o aprimoramento humanos.

Do ponto de vista antropológico, muitos são os autores que consideram o homem um ser incompleto (IBAÑEZ, 1976; FERRY, 2010; VAZ, 2004). Visto pelo outro lado da moeda, o homem é aquele que busca sistematicamente superar as suas limitações. Superar as limitações é um processo complexo; mas, como o ser humano possui uma alta capacidade de adaptação, o processo de superação é aquele que considera, sendo o homem incompleto e/ou imperfeito, a possibilidade pedagógica de elevação humana mediante o autoaperfeiçoamento. Conforme aponta Monteiro (2007), no desporto, superar o adversário é a conduta externa, visível

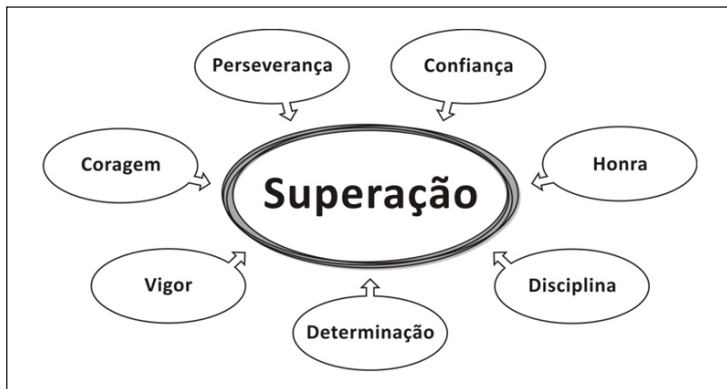
e clara; entretanto, o crescimento é interno: este, invisível e apenas expressável, é traduzível numa beleza ímpar e de valor pedagógico. Cousineau (2004, p. 180) oferece uma cristalina contribuição para esse assunto: “O desempenho excelente é o esforço estimulante que traz consigo animação ou satisfação suprema, porque o atleta ou o artista superou a si mesmo num momento de verdade, graças ao seu esforço, coragem e entusiasmo”.

O desporto como uma faceta importante da educação, pode ser um dos caminhos, por meio da sua prática e dos valores ali inseridos, para a conquista de uma missão cultural: a busca de sentido da vida, o qual depende intrinsecamente do conteúdo axiológico. Ibañez (1976), ao falar sobre a educação em valores, sentencia que o homem que não se supera decai. O autor vai mais longe afirmando que o sujeito que não empreende todos os dias – a nobre tarefa de fazer algo para o seu aperfeiçoamento, melhorar a relação com os seus pares e elevar toda sua comunidade – deserta de sua condição humana. No desporto, aquele que deixa, mesmo por um dia apenas, de se esforçar para aprender e se fortalecer antecipa um futuro desagradável para si e para sua equipe. É nessa perspectiva que vemos o desporto como um notável meio de educação e de cultura, conforme exposto por autores como Kohlberg (1964) e Fagundes (2001): as situações de conflito, dilemas e interrogações são meios pedagógicos para se desenvolver e educar as pessoas com vistas à autonomia, à dignidade e à interação com o meio social. Acrescentemos a essa lista o fortalecimento da vontade, a efetividade no agir e a arte da autoeducação permanente.

Um dos sentidos de maior valia para os amantes do desporto é a busca da superação; por isso, consideramos oportuno registrar que o valor da superação só pode ser percebido depois da experiência realizada: falar sobre superação não é a mesma coisa do que consegui-la. Superação é mais do que uma palavra, impossível de ser usada como retórica; é, na maioria das vezes, a realização de algo novo, superior e enriquecedor, por meio da prática e de modo inconfundível. Num evento de superação, imediatamente percebemos que esta só foi possível graças à assunção e à prática

de um rosário de valores, como determinação, vigor, coragem, perseverança, confiança, honra e disciplina (conforme expresso na Figura 1).

Figura 1 - Rosário de valores necessários para a superação.



Fonte: autores.

Superação é uma virtude que se reconhece apenas depois da sua conquista pois é uma experiência que se dá pela influência de outros valores pré-disponíveis. Intuímos, então, que uma ação dessa natureza registra, além da síntese de inúmeros valores, um processo de autoconhecimento: descobrimos em nós algo que não conhecíamos e que fomos capazes de realizar. Ou seja, dá para imaginar o sentimento de felicidade e de realização? Reparemos naquilo que nos confia Nancy Hogshead (COUSINEAU, 2004, p. 167), medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1984:

Por que se superar? (...): porque as recompensas de tentar chegar à excelência são de fato muito grandes. Não estou falando de prêmio em dinheiro, de uma condecoração, nem mesmo de uma medalha de ouro. Estou falando de ter um sentido de vida ou vocação que dá vida às tarefas mais banais. De um orgulho profundo de levar a vida que estamos levando.

5 OS MODELOS DE WOODEN E DE BERNARDO

Certa ocasião, Wooden e Jamison (2010, p. 24) escreveram uma carta para os seus atletas:

Se cada um de vocês empenhar todos os esforços para desenvolver o melhor de sua habilidade, seguir as regras de conduta adequadas e as atividades que levam a um melhor preparo físico, puser o bem estar do time acima do reconhecimento individual e não permitir que conflitos de personalidade e divergências de opinião entre os atletas e a equipe técnica interfiram em seus próprios esforços ou nos de seus colegas, este será um ano bastante gratificante.

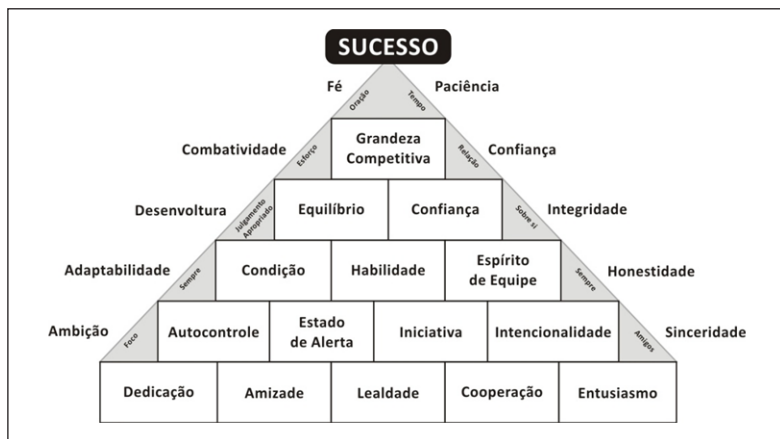
Como podemos notar, e se interpretamos bem, a possibilidade de “um ano bastante gratificante” está subordinada à assunção e à prática de valores como empenho, esforço, habilidade, condutas adequadas (ética), bem-estar da equipe (solidariedade), bom senso, discernimento e outros. Por outro lado, após a vitória sobre a Itália que deu ao Brasil a medalha de ouro olímpica, no voleibol, Bernardinho afirmou:

Experiência de vida, algumas vitórias e decepções vão mostrando qual é o caminho. E o caminho é este: compartilhar, ser solidário, competir saudavelmente uns com os outros para que pudéssemos crescer. Esse grupo trabalhou muito e foi um grupo antes de qualquer coisa (RESENDE, 2006, p. 181).

Depois de um longo período de preparação, os valores, nas palavras de Bernardinho, como experiência, esforço, solidariedade, ética, espírito de equipe, empenho, superação, entre outros, além de oferecerem condições para “um ano gratificante”, vislumbram também uma experiência de vida que resultou num retumbante sucesso coletivo: uma inspiração à educação. O prêmio conquistado nessa jornada foi a medalha de ouro. Tanto Bernardinho como Wooden apostavam que os valores eram decisivos para a superação de altos desafios.

Em 1948, John Wooden, interessado na formação – comportamento, atitude, valores e qualidade – de seus atletas-estudantes de basquetebol da University of California em Los Angeles (UCLA), estabeleceu uma estrutura de valores a qual chamou “Pirâmide do Sucesso” (Figura 2). Perguntado sobre a essência do seu modelo, ele responde: “Minha definição de sucesso e a Pirâmide que estabelece como alcançá-lo englobam tudo que faço como treinador, professor e líder” (WOODEN; JAMISON, 2010, p. 47). A ideia era a de organizar uma estrutura baseada em valores que deveriam apoiar, estimular e inspirar todas as ações pedagógicas de Wooden na direção da formação de uma equipe forte, organizada, inspirada, dedicada e atenta.

Figura 2: Pirâmide do sucesso



Fonte: Wooden, Jamison (2010, p.48).

Para conseguir ter sucesso desportivo, Wooden considerava que a sua pirâmide representava o mais alto padrão e o guia mais efetivo para despertar o que havia de melhor nas pessoas que estivessem sob a sua direção, bem como nele próprio. Para esse treinador desportivo, sucesso “é a paz de espírito proveniente da consciência de que você fez o maior esforço possível para se tornar

o melhor dentro do seu potencial” (WOODEN; JAMISON, 2010, p. 48). Nesse postulado ecoam as palavras de Píndaro, o grande poeta dos Jogos Olímpicos da antiguidade, quando instigava as pessoas em geral e os atletas em particular por meio da sentença “torna-te quem és” (JAEGER, 2003, p. 263). Assim, cabe ao ser humano procurar desenvolver, de um modo ordenado e em todos os momentos da sua existência, o máximo das suas potencialidades e excelências, procurando não deixar passar as oportunidades de se fazer homem, sempre entendendo sua humanidade como algo profundamente pessoal e próprio, e, por isso, universal.

Bernardo Resende, servindo-se do exemplo da Pirâmide de Sucesso de Wooden, criou um modelo o qual chamou “Roda da Excelência”. O treinador da Seleção Brasileira de Voleibol decidiu construir uma imagem em forma de uma roda, pois considerava que a figura de Wooden gerava uma sensação de imobilidade (RESENDE, 2006). Entretanto, a Roda da Excelência, mesmo tendo como objetivo apresentar algo mais dinâmico é permeada por valores e se destina também a dirigir e orientar as atitudes do treinador, e a fortalecer a sua liderança. A Roda da Excelência gira em torno de um eixo e desliza sobre a via do planejamento na direção de um objetivo (Figura 3). A noção de movimento faz com que cada um dos grupos de valores esteja permanentemente em contato com a esfera do planejamento, com vistas à concretização dos objetivos.

Tanto o modelo de Wooden como o de Bernardo, independentemente da forma ou da imagem mais ou menos dinâmica, estão subordinados à autoridade axiológica e, por isso mesmo, são pedagógicos.

6 AS CONVERGÊNCIAS ENTRE OS MODELOS

Inicialmente, a meta principal dos modelos em tela – “excelência na competição” (WOODEN, 2010) e a “busca constante da excelência” (Bernardinho) – aponta a sua prática para comemorar a busca pela excelência competitiva. A liderança é citada explicitamente por Bernardinho; já Wooden (2010) sublinhava que

a essência da sua liderança está registrada na própria Pirâmide do Sucesso. Podemos concluir que, em ambos os modelos, a liderança, assim como a ética (descritas por Bernardinho e não anotadas por Wooden), perpassam, sendo registradas ou não, as suas fórmulas/modelos.

Figura 3: A Roda da Excelência



Fonte: Resende (2006, p. 110).

O aspecto fundamental exposto pelos dois autores está na assunção e na prática dos valores, os quais orientam e sustentam os seus respectivos modos de pensar, agir, organizar e avaliar o processo de educação desportiva. Seguindo esse caminho, notamos uma especial sintonia entre os modelos em tela, quando ambos se referem especialmente a dois grupos de valores: os coletivos e os pessoais.

Para Wooden, os valores que se expressam na coletividade eram amizade, lealdade, cooperação e espírito de equipe (colocar o bem de todos antes dos interesses particulares). Bernardinho destaca para essa modalidade os seguintes valores: trabalho em equipe, comprometimento, cumplicidade e ética (coletiva).

Quanto aos valores pessoais, em Wooden temos dedicação, iniciativa, autocontrole, constância, condicionamento (físico, mental, emocional e moral), habilidade (de buscar conhecimentos e informações), confiança (autoconfiança é um valor pessoal, e confiança no outro – companheiro e equipe – é um valor coletivo), postura (manter o equilíbrio tanto na derrota como na vitória), entusiasmo e estado de alerta (agilidade de raciocínio e atenção aos detalhes). Por sua vez, Bernardinho, nessa esfera dos valores, registra liderança, motivação, perseverança, obstinação, ética (pessoal), disciplina e hábitos positivos de trabalho.

Embora as palavras sejam usadas para determinar as principais atitudes e comportamentos ligados à atuação dos treinadores investigados, podemos notar que muitas delas são sinônimas ou, de alguma forma, lembram a aproximação do postulado de seus idealizadores. Comparemos, por exemplo, constância (Wooden) com perseverança e obstinação (Bernardinho); amizade, lealdade e cooperação (Wooden) com comprometimento e cumplicidade (Bernardinho); habilidade, estado de alerta, iniciativa, postura, autocontrole e confiança (Wooden) com hábitos positivos de trabalho (Bernardinho); dedicação (Wooden) com disciplina (Bernardinho); entusiasmo (Wooden) com motivação (Bernardinho); e, finalmente, Wooden chama espírito de equipe àquilo que Bernardinho salienta como trabalho em equipe, pois, embora se possa considerar que a palavra ‘espírito’ é mais valiosa do que a palavra ‘trabalho’, é no trabalho que se manifestam, se registram, se aprofundam e se concretizam os valores ligados ao espírito coletivo.

No último bloco da Pirâmide do Sucesso, está o objetivo de Wooden, como ele próprio diz: “[...] em todos os casos meu objetivo foi sempre o mesmo: a excelência na competição” (WOODEN;

JAMISON, 2010, p. 56). No ápice da pirâmide, encontra-se a intenção na qual a organização do modelo se orienta: sucesso. E sucesso para Wooden e Jamison (2010, p. 48) é “a paz de espírito proveniente da consciência de que você fez o maior esforço possível para se tornar o melhor dentro do seu potencial”. Por essa reflexão, entende-se que, longe de se consumir pensando em vitórias e derrotas, a ideia psicológica é a de assumir e realizar aquilo que se tem sob seu controle e, justamente por isso, é plenamente realizável. Sucesso, mais do que um ideal para poucos, é um ideal balizador que tem a propriedade de movimentar os recursos pessoais com vistas ao descobrimento, conhecimento, domínio e prática de um mosaico de valores que leva a pessoa a se reconhecer como sujeito responsável pelo seu processo de educação.

De igual maneira, junto ao ápice da pirâmide, Wooden colocou mais dois valores: fé e paciência. O conselho do sábio das quadras é fazer o que se deve e pode realizar, e em seguida, ter fé no que o futuro reserva e paciência para que as sementes das ações possam frutificar.

Em consonância com muito do que foi dito e explicado por Wooden, o modelo de Bernardinho sugere, entre outras coisas, que o seu objetivo é a “busca constante da excelência” (RESENDE, 2006, p. 110). Nessa perspectiva, Bernardinho acrescenta que o sucesso é um conceito muito pessoal, de múltiplas definições, enquanto que a excelência significa a concretização, da melhor maneira possível, de algo que se pretende realizar (RESENDE, 2006). Mas se aproxima da visão de Wooden quando registra isto: “E não estou me referindo a metas do tipo vencer, ser campeão ou estabelecer um recorde. Tudo isso pode vir por consequência e não como causa da busca da excelência [...]” (RESENDE, 2006, p. 111).

Embora Bernardinho não se refira, junto à sua Roda da Excelência, a valores como fé e paciência, podemos notar que, pelo menos no que diz respeito à fé, a equipe de voleibol liderada por ele – medalha de ouro em Atenas 2002 – mantinha um ritual. Quando a equipe estava se preparando para iniciar a decisão da

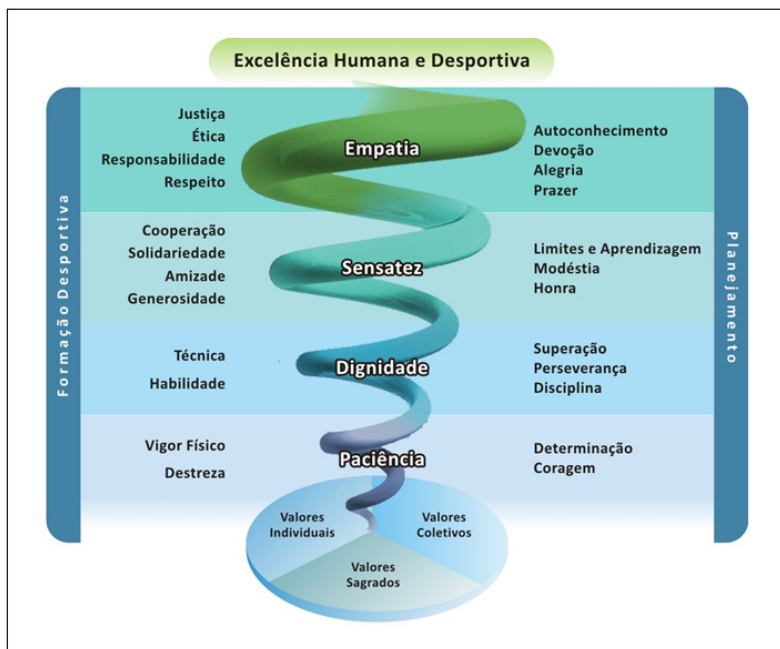
medalha de ouro, em Atenas, Bernardinho descreve o momento da seguinte maneira: “[...] cumpriu-se o ritual: cada um de nós tocou a camisa de Henrique, sempre ali, dependurada, aberta. Para dar sorte” (RESENDE, 2006, p. 175). A sorte é um atributo enviado pelos deuses e, desse modo, o ritual é um modo de lembrar e apelar aos mesmos para que a equipe tenha a sorte como companheira de jornada, ou seja, tocar a camisa do Henrique era uma manifestação de fé na boa sorte. Naturalmente que, em quadra, a equipe, veladamente, possuía mais do que seis atletas, pois, entre eles estava o Henrique, mensageiro de deuses e que levava a sorte: um drama épico característico da vida humana que o desporto expõe, revela e atualiza nas suas inúmeras manifestações, dentre elas a fé.

Por meio dessa análise, concluímos que, além dos valores coletivos e pessoais, tanto Wooden como Bernardinho, direta ou indiretamente, reconhecem a importância da fé: ou seja, um valor sagrado ou religioso (PATRÍCIO, 1993).

7 UMA OUSADIA EM FORMA DE NOVA PROPOSTA

Baseados nas propostas dos autores anteriores, em nossas próprias experiências e apoiados pela teoria, somos desafiados a sugerir um modelo (Figura 4) com o intuito de apoiar ações que visem ao desempenho desportivo a partir de uma visão equilibrada, harmônica e pedagógica. Essa visão é particularmente sustentada por uma contribuição, reflexão e argumentação axiológicas, tendo o homem (desportivo) e o seu grupo social (sua equipe) como fundamentos e finalidades (GARCIA, 2007) junto ao contexto desportivo, com vistas a propor, avaliar, sustentar e ampliar a possibilidade de um desempenho humano-desportivo de excelência.

Inicialmente nosso modelo aposta na interação axiológica entre os principais atores do cenário desportivo – atletas e professores/treinadores. Nessa perspectiva, consideramos que o exemplo do professor/treinador é muito importante, mas é pela ação exemplar de todos (baseada em valores) que se constrói uma comunidade/equipe com ética.

Figura 4: Espiral ascendente de valores.

Fonte: autores.

Como podemos notar na Figura 4, o desenho que a ilustra é de uma espiral ascendente, cuja representação se identifica com um processo de permanente evolução e ampliação, e aberto ao futuro, sem finitude. A finalidade é conseguir alcançar uma ação desportiva de excelência nos planos individual, coletivo e interativo de atletas, treinadores e demais colaboradores.

Para se conquistar esse ideal, longe da preocupação obsessiva pelo ganhar a qualquer preço, sugerimos a incorporação de hábitos, costumes e comportamentos que estejam vinculados aos mais caros valores de natureza individual, coletiva, organizacional e espiritual. Esses valores, da mesma maneira que formam a base, são também a essência da espiral e, por isso, devem contribuir de modo equilibrado, harmônico e integrado – no treino, na competição e na vida – para

a formação do desportista (atleta, treinador e colaborador). Ou seja, o processo de excelência desportiva deve ser, antes de tudo, como mencionaram Wooden e Jamison (2010) e Bernadinho (2006), um processo de educação: uma expressão de cultura descrita pelo gesto, pela ação, pelo simbolismo, pela poesia e pelos valores.

Os valores através da espiral são o centro da educação das ações ligadas ao desporto e à vida e, além disso, promovem a capacidade de experimentar, arriscar, superar e transcender a simples tarefa de treino e competição na arte do movimento e da sabedoria em ação. Conforme Aristóteles (2004, p. 10), “por sabedoria não queremos dizer outra coisa senão a excelência na arte”.

A fim de reunir, num só contexto, as expressões da sabedoria prática e a sua consorte, a arte, recordemos a ação desportiva que acontece no espaço do futebol: quando um atleta com pleno domínio do seu corpo e do ambiente desloca-se, salta, dribla, chuta, cria e recria, imprimindo em cada técnica, direcionada à perfeição, um requinte artístico de excelência e de virtuosidade. A partir do entrosamento com seus companheiros de equipe, agita-se e agiganta-se na direção do lúcido e do lúdico, promovendo alegria, satisfação e êxtase. Esses princípios são alguns dos que ajudam a libertar e expressar a felicidade de todos. Sendo assim, no estádio de futebol, como em qualquer outro estádio ou ginásio, “entram o espanto, a invenção artística, a liberdade, a espontaneidade. Um futebol cheio de fagulhas de génio, apolíneo sem deixar de ser dionisiaco...” (BENTO, 2006, p. 141).

Essa visão axiológica do processo desportivo é contemplada por Garcia (2007) quando sugere que, acima de tudo, existe um conjunto de valores que importa preservar para que o próprio desporto não termine em si mesmo, mas que se projete para algo além: além dos resultados, das paixões, dos recursos financeiros, das pessoas de pouco valor e da mídia. O desporto é um espaço no qual se perfila uma constelação de valores que faz parte da própria essência humana no viver e no conviver, atributos sem os quais não seria possível a própria humanidade.

8 O EXERCÍCIO FINAL

Em muitas ocasiões, as pessoas imaginam que o desporto de alto rendimento é permeado por atitudes e costumes que beiram a insensatez. Para evitar permanecer no lugar comum, resolvemos fazer uma investigação sobre a forma de atuar no desporto de alto desempenho de dois dos mais conceituados líderes desportivos do mundo: John Wooden (basquetebol) e Bernardinho (voleibol).

Ao contrário daquilo que rotineiramente se pensa, os modelos desses treinadores, bem como aquele que agora sugerimos, não estão preocupados com o ganhar ou o perder – Wooden chega a dizer que não menciona a palavra vitória – e sim com a prática de determinados valores: isso é a própria manifestação do sucesso.

Por isso, podemos entender que, para obter sucesso desportivo, não basta para uma equipe, ou um atleta, estar bem preparado física, técnica e taticamente, mesmo contando com a presença de ótimos jogadores. Um atleta habilidoso é muito importante para a sua equipe, desde que o seu talento esteja a serviço de um objetivo maior e comum. O êxito, tanto no desporto como na vida fora dele, acontece a partir da sintonia entre os diferentes componentes de uma mesma equipe, pela atenção àquilo que se tem domínio -aprendizagem, esforço pessoal, atenção; pela necessidade permanente do autoaperfeiçoamento entre outros; pelo prazer de realizar algo que gosta de fazer; e pela incorporação dos valores mais elevados.

Alguns estudiosos do desporto consideram educativas as práticas vinculadas às categorias escolar e de lazer, pois estas oferecem oportunidades aos participantes de desenvolverem valores como cooperação, participação, sociabilidade, respeito, solidariedade, etc., restando ao desporto de alto rendimento uma posição secundária e nem sempre com suas finalidades educativas reconhecidas. Os treinadores centro do nosso estudo, como vimos nos modelos aqui apresentados, parecem contrariar a ideia contida no parágrafo anterior na medida em que os seus objetivos

desportivos são o resultado e a consequência da assunção e da prática de uma constelação de valores.

É importante salientar, ainda, o destaque dado por esses treinadores à importância do treino e da competição como um processo de ensino-aprendizagem e educação na sua missão de atingir altos níveis de excelência. Um deles chegou a dizer que o ganhar não era o mais importante e sim a maneira como se treina e joga.

Por outro lado, o modelo que propomos – inspirado em nossos investigados e nossa experiência – considera o desporto como um espaço de natureza pedagógica; e, por isso, ele pode dar sentido à nossa prática ao atuarmos a partir da educação em valores tanto na escola como no clube, nos projetos sociais e em outros locais.

Nossa intenção é apontar para outra esfera de reflexão sobre esse assunto: o desporto de alto rendimento pode e deve ser, pelas suas características, educativo por todas as características anteriormente apresentadas. Para isso, registamos que, enquanto o chamado desporto-educação salienta alguns valores que devem ser desenvolvidos pelos jovens junto à tarefa desportiva, o desporto de alto rendimento, por meio dos modelos investigados neste artigo, apresenta uma proposta axiológica em que os valores devem nortear as atitudes pedagógicas do professor. Desse modo, na interação treinador e atletas – ou na de professor e aluno –, antes de tudo, o treinador deve ser um espelho da educação que propõe: coerência entre as palavras, as ações, as reações e as interações.

Sustentados por essa crença de prática profissional, não temos dúvidas em considerar o desporto de alto rendimento como uma manifestação particularmente educativa. Portanto, aceitamos como educativo o desporto no qual se desenvolvem valores cuja finalidade é fortalecer o caráter e a personalidade da pessoa, com vistas a conquistas externas e, principalmente, internas. A força do exemplo, alicerçada em valores, faz com que o grupo sócio-desportivo supere as barreiras das limitações de ganhar e perder, lúdico e agônico, educativo e não-educativo, e alce um voo rumo à cultura!

Falar sobre o desporto é refletir sobre o homem e a sua existência. No desporto surgem os elementos fundadores, construtores e renovadores da vida humana, uma dramatização da realidade em que atores e cenário relembram, revivem, e eternizam os momentos do nascimento, da vida e do ocaso humanos: momentos de insegurança, de glória e de fracasso, ou seja, momentos de vida.

O desporto é uma manifestação de interdependência dos planos individual e coletivo; é uma estrutura que, por sua natureza, atribui sentido, significado e valor às diferentes manifestações humanas, e cuja essência é o rico manancial simbólico em que, no contexto, se expressa uma educação para a vida. Por isso, estruturamos nosso modelo considerando a sutileza dessas articulações, em forma de espiral ascendente, aberta e sem finitude. Tal espiral registra a necessidade de se articular, de modo efetivo e participativo, os valores pessoais, coletivos, organizacionais e espirituais com vistas ao desempenho de excelência para todos (atletas, treinadores e colaboradores). Isso para que, ao mesmo tempo, possamos comemorar uma vitória sobre as nossas dificuldades, limitações e vilanias.

Entendemos, também, que cada movimento ascendente da espiral deve ser propulsado, fortalecido e ampliado pela experiência dos atletas, treinadores e colaboradores na prática dos valores. Essa experiência não deve se limitar a um evento isolado e sim a uma série interminável de eventos que, por sua complexidade, se multiplicam indefinidamente rumo ao desempenho de excelência, que será aquele no qual os atores possam se sentir realizados, plenos de dignidade e repletos de satisfação. Quanto à vitória, se olharmos pela perspectiva da deusa Nikê, ela já estará em nossa companhia mesmo antes da competição se iniciar. O êxito será demonstrado na capacidade de cada protagonista (atleta, treinador ou colaborador) de transformar a sua vida desportiva e pessoal em algo pleno, grandioso, digno e belo, portanto ético, estético e sagrado! Valores, excelência desportiva e grandeza competitiva são atributos pedagógicos que lembram a verdadeira fonte de inspiração circunscrita junto ao simbolismo representado pela deusa Nikê.

O mundo desportivo, assim como o próprio ser humano, ainda está para ser descoberto. O debate está em aberto!

Sports performance: a mosaic of values and meanings

Abstract: The winning and the losing are part of the sports drama. Certain competitors, in the name of "win", there are no limits to his ambition; others, despite having excellent physiological data, do not get positive practical results. However, sport is more than a fight for victory, is a metaphor for life itself and a way to education; a way to educate in values. In this work, we will make a comparative analysis between the philosophical principles of preparation of athletes published by John Wooden and Bernardo Rocha de Resende, suggesting a new model, based on values from such comparisons.

Keywords: Sports; Philosophy; Education.

Desempeño deportivo: un mosaico de valores, sentidos y significados

Resumen: Ganar y perder es parte del drama deportivo. Algunos competidores, con el objetivo de "ganar", no tiene límites en su ambición; otros, a pesar de tener excelentes datos fisiológicos, no consiguen resultados positivos. Sin embargo, el deporte es más que una lucha desenfrenada por la victoria; es una metáfora de la vida y un medio de educación; un medio para educar en valores. En este trabajo, hacemos un análisis comparativo de los principios filosóficos y la preparación de los atletas publicados por John Wooden y Bernardo Resende de Rocha y se sugiere, después, un nuevo modelo, basado en los valores de estas comparaciones.

Palabras-clave: Deportes; Filosofía; Educación.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução: Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2004.

BENTO, J. **Pedagogia do Desporto**: Definições, Conceitos e Orientações, 2006. In, TANI, G., BENTO, J.; PETERSEN, R. *Pedagogia do Desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

BENTO, J. **Desporto: Discurso e Substância**. Porto: Campo das Letras, Universidade do Porto, 2004.

COUSINEAU, P. **O Ideal Olímpico e o Herói de Cada Dia**. São Paulo: Mercuryo, 2004.

FAGUNDES, M. **Aprendendo Valores Éticos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FERRY, L. **Aprender a Viver: filosofia para os novos tempos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

FERRY, L.; VINCENT, J. **O que é o Homem?** Sobre os fundamentos da Biologia e da Filosofia. Porto: ASA, 2003.

GARCIA, R. **Antropologia do Esporte**. Rio de Janeiro: Shape, 2007.

IBAÑEZ, R. **Valores, Objetivos y Actitudes en Educación**. Valladolid: Miñon, 1976.

JACKSON, P.; DELEHANTY, H. **Cestas Sagradas: lições espirituais de um guerreiro das quadras**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

JAEGER, W. **Paidéia: A Formação do Homem Grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KOHLBERG, L. **Review of Child Development Research**. New York: Russel Sage Foundation, 1964. 2 v.

MONTEIRO, A. **Desporto: da excelência à virtude (ARETÉ) - um caminho de vida**. Tese (Doutorado) - Universidade do Minho, 2007.

PATRÍCIO, M. **Lições de axiologia educacional**. Lisboa: Universidade Aberta, 1993.

PATRÍCIO M. Perenidade da areté como horizonte apelativo da paideia. Sobre a excelência em educação. **Revista Portuguesa de Ciência do Desporto**, Porto, v.8, n. 2, p. 287-295, 2008.

PLATÃO. **A República**. Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1996.

RESENDE, B. R. **Transformando Suor em Ouro**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

ROKEACH, M. **Crenças, atitudes e valores**. Rio de Janeiro: Interciência, 1981.

SAVATER, F. **O meu Dicionário Filosófico**. Lisboa: Dom Quixote, 2000.

VAZ, H. **Antropologia Filosófica**. São Paulo: Loyola, 2004.

VERNANT, J. **Mito e Religião na Grécia Antiga**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

WOODEN J.; JAMISON, S. **Jogando para Vencer: a filosofia de sucesso do maior**

técnico de basquete de todos os tempos. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

XENOFONTE. **Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates**. Tradução: Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2006.

Endereço para correspondência:

Prof. Dr. Alberto de Oliveira Monteiro

Rua Felizardo, 750 - Jardim Botânico - Porto Alegre/ RS - Brasil - CEP 90690-200

E-mail: oliveira.monteiro@ufrgs.br

Recebido em: 03.04.2013

Aprovado em: 16.02.2014